



ASPECTOS DO PENSAMENTO DE NIETZSCHE SOBRE A VIDA HUMANA¹

Gracy Kelly Bourscheid Pereira²

Resumo: Esta pesquisa explora a concepção de Nietzsche sobre a inocência humana. Aproximando as ações do homem e as ações da natureza, o filósofo expressa um pensamento relevante sobre a ausência de escolha nas manifestações impulsivas. Diante das interpretações que atribuem ao homem responsabilidade moral e religiosa por seus atos, a crítica do filósofo alemão se destaca. Pensa que o homem não dispõe de vontade livre, mas que os impulsos vitais que constituem o seu organismo se exercem por necessidade de crescimento e expansão. Esse organismo vital, disposto por impulsos em ininterrupta luta por expansão, não é comandado por uma alma racional. O filósofo explica que não há agente por trás das ações humanas, mas sim as manifestações dos impulsos agindo incessantemente. Considerando a vida humana a partir dessa interpretação, o homem não poderia ser premiado ou castigado por suas ações. Antagônico aos preceitos morais e religiosos que atribuem ao homem o peso do livre arbítrio, o filósofo vislumbra a possibilidade de ver surgir um tipo de homem inocente: um homem desprendido de concepções metafísicas e de esperanças ultraterrenas. Libertado da crença no prosseguimento da vida em um mundo melhor, esse homem não se sentiria pecador por atitudes avaliadas como ofensivas aos olhos da divindade. Concepções como as de vida eterna ou sofrimento eterno não fariam mais sentido. Seria uma legítima libertação do homem de todo o fardo atribuído aos institutos repressores de culpa e pecado – noções consideradas, pelo filósofo, como derivadas da crença em Deus como criador e julgador de todas as coisas. Esse homem inocente é apontado pelo filósofo alemão como o homem do futuro, como aquele que resgatará a inocência do vir-a-ser. Com o intuito de examinar a perspectiva de Nietzsche a respeito da inocência do homem e investigar se essa noção constitui uma posição afirmativa diante da vida, analisaremos alguns trechos de *Humano, demasiado humano* I e II (1878-80), *Aurora* (1881), *A gaia ciência* (1882) e da *Genealogia da Moral* (1887).

Palavras-chave: Nietzsche. Inocência. Culpa. Moral cristã.

Abstract: This research explores Nietzsche's conception of human innocence. Bringing together the actions of man and the actions of nature, the philosopher expresses a relevant thought about the absence of choice in impulse manifestations. Given the interpretations that attribute moral and religious responsibility to man for his actions, the German philosopher's criticism stands out. He thinks that man does not have free will, but that the vital impulses that constitute his organism are exercised out of the need for growth and expansion. This vital organism, driven by impulses in an uninterrupted struggle for expansion, is not commanded by a rational soul. The philosopher explains that there is no agent behind human actions, but rather the manifestations of impulses

¹ Esse texto foi apresentado como comunicação no XXVI Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da UNIOESTE, no ano de 2023. Essa pesquisa expressa parte das investigações realizadas para a elaboração da tese de doutorado em andamento, nessa mesma instituição de ensino superior.

² Doutoranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná: gkbourscheid@hotmail.com.

acting incessantly. Considering human life from this interpretation, man could not be rewarded or punished for his actions. Antagonistic to the moral and religious precepts that attribute to man the weight of free will, the philosopher envisions the possibility of seeing the emergence of a type of innocent man: a man detached from metaphysical conceptions and ultra-earthly hopes. Freed from the belief in the continuation of life in a better world, this man would not feel like a sinner for attitudes considered offensive in the eyes of divinity. Conceptions such as eternal life or eternal suffering would no longer make sense. It would be a legitimate liberation of man from all the burden attributed to the repressive institutes of guilt and sin – notions considered, by the philosopher, to be derived from the belief in God as creator and judge of all things. This innocent man is pointed out by the German philosopher as the man of the future, as the one who will rescue the innocence of becoming. In order to examine Nietzsche perspective regarding man's innocence and investigate whether this notion constitutes an affirmative stance towards life, we will analyze some excerpts from *Human, All Too Human* I and II (1878-80), *Aurora* (1881), *The Gay Science* (1882) and the *Genealogy of Morals* (1887).

Keywords: Nietzsche. Innocence. Fault. Christian morals.

INTRODUÇÃO

O pensamento de Nietzsche sobre a vida humana desperta discussões relevantes. Distante de interpretar a vida como um presente divino ou de concepções que apontam a vida como unidade constituída por uma alma racional controlando as paixões do corpo, o filósofo alemão compreende a vida como vontade de potência. Em sua investigação, esteve longe de buscar parâmetros universais como chave de acesso para a compreensão do homem. Sua aversão aos achados metafísicos direcionou seus apontamentos sobre o aspecto finito e dinâmico da vida. Entendendo tudo o que existe como multiplicidade de forças, adotou uma postura crítica diante de teorias acerca da imortalidade individual, da liberdade da vontade e da culpa moral. Contextualizando alguns aspectos da abordagem de Nietzsche a respeito da vida humana e de seu antagonismo às noções de culpa e pecado, visamos nos aproximar de sua perspectiva sobre a inocência do homem.

INOCÊNCIA E DEVIR

“Do animal é própria a inocência” (ZA/ZA, “Da castidade”)³, afirmou Nietzsche em um dos discursos de *Zarathustra*. Em oposição aos valores morais e religiosos que imputam

³ ZA/ZA, “Da castidade”. Com o propósito de facilitar a leitura das referências dos textos de Nietzsche, indicamos as siglas propostas pela edição Colli/Montinari de suas obras completas. As siglas que abreviam as obras na língua alemã são acompanhadas das respectivas siglas na língua portuguesa, conforme convenção estabelecida na revista *Cadernos Nietzsche*: MAI/HHI – *Menschliches, Allzumenschliches* (Humano, demasiado humano, vol. 1); ZA/ZA – *Also sprach Zarathustra* (Assim falou Zarathustra, 1883-85); JGB/BM – *Jenseits von Gut und Böse* (Além de bem e mal, 1886); GM/GM – *Zur Genealogie der Moral* (Genealogia da moral, 1887); AC/AC – *Der Antichrist* (O Anticristo, 1888); GD/CI – *Götzen Dämmerung* (Crepúsculo dos ídolos, 1888); EH/EH – *Ecce homo* (Ecce homo, 1888); NF/FP – *Nachgelassene Fragmente* (Fragmentos Póstumos, 1869-88).

responsabilidade ao homem por seus atos, o filósofo alemão considera as ações humanas totalmente necessárias. Interpreta toda atividade vital como manifestação de forças lutando por predomínio e expansão de potência. Em suas palavras: “vida é precisamente vontade de potência” (JGB/BM §259). O filósofo concebe tudo o que existe no mundo, todos os seres orgânicos e também os inorgânicos, como multiplicidade de forças. Encarnada, pulsando em um corpo animal, essas forças exercem a função básica de todo ser orgânico, isto é: lutam incessantemente por mais potência. As múltiplas forças combatentes em um organismo atuam nas células, tecidos e órgãos. O que anima o organismo animal é justamente essa luta permanente dos impulsos.

Na perspectiva do filósofo, essa dinâmica ininterrupta das forças compreende toda atividade impulsional humana. Interpretando vida como vontade de potência, considera as ações do homem como função orgânica, como exercício necessário de impulsos e não como escolha moral. Nietzsche critica a noção de livre arbítrio por entender que as ações humanas nada mais são do que expressões da vontade de potência.

Antagônico às concepções religiosas que privilegiam a alma em detrimento do corpo e propagam um futuro metafísico, de salvação ou martírio para a alma, o filósofo aponta: “não existe ‘ser’ por trás do fazer, do atuar, do devir; ‘o agente’ é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo” (GM/GM, I §13). Certo de que não há um sujeito no comando das ações, Nietzsche se distancia dos ideais que preconizam o predomínio da alma racional sobre o corpo. No fluxo incessante do devir, os impulsos do organismo humano atuam por pura necessidade de crescimento e expansão. Não havendo uma racionalidade individual arbitrando sobre as ações, o filósofo considera absurda a instituição religiosa de prêmio e castigo vinculada às ações humanas.

Em um aforismo de *Humano, demasiado humano*, indica: “quem compreendeu plenamente a teoria da completa irresponsabilidade já não pode incluir a chamada justiça punitiva e premiadora no conceito de justiça” (MAI/HHI §105). O filósofo pensa que ao se deparar com a hipótese da inocência e total irresponsabilidade do homem por seus atos, alguns preceitos morais podem se tornar obsoletos. Posicionando a moral cristã como “a moral de *décadence*” (EH/EH, “Por que sou um destino” §4), indica que noções como as de pecado, alma imortal, salvação e danação eternas, precisam ser questionadas. Para tanto, contextualiza os valores como criações humanas e não como expressões da vontade divina: “em verdade, foram os homens a dar a si mesmos o seu bem e o seu mal. Em verdade, não o tomaram, não o acharam, não lhes caiu do céu em forma de voz” (ZA/ZA, “De mil alvos e um único alvo”). Vistos como estimativas realizadas pelos homens, os valores mais consagrados podem ser problematizados e superados.

Analisando os valores da moral cristã, Nietzsche os considera como decadentes, porque o sentido da vida fora transferido para uma dimensão metafísica. Interpreta a promessa religiosa de

uma vida eterna em um mundo melhor como negação da vida presente. Em uma passagem do *Crepúsculo dos Ídolos*, o filósofo afirma: “a vida acaba onde o ‘Reino de Deus’ começa” (GD/CI, “Moral como antinatureza” § 4). Considerado por religiosos como um estado do coração, uma vida santa no verdadeiro amor de Deus, mas também como um prêmio para os fiéis virtuosos, a noção de “Reino de Deus” é interpretada por Nietzsche como uma esperança vazia e prejudicial. Ao dedicar sua vida em busca do prêmio metafísico, o homem acabaria reprimindo seus impulsos e depreciando a vida presente. A constante repressão dos impulsos implicaria em agravo da morbidez fisiológica:

A vida mesma é, para mim, instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, e potência: onde falta a vontade de potência, há declínio. Meu argumento é que a todos os supremos valores da humanidade falta essa vontade – que valores de declínio, valores niilistas preponderam sob os nomes mais sagrados (AC/AC §6).

O intento do filósofo de ver superados os valores santificados pela moral cristã contextualiza-se com sua concepção acerca da vida humana. Pensa que, por estar disposto por luta e devir, o organismo humano poderá constantemente criar novas configurações de valores.

No processo dinâmico da vida, bem e mal são vistos como disposições transitórias. O filósofo alemão faz ver que o processo de criação de valores também implica luta. Novos valores serão engendrados a partir do combate e resistência entre impulsos criadores. Com a demolição de valores que depreciam a vida presente, o homem poderia reavaliar a hierarquia dos valores vigentes e criar valores mais elevados, valores que libertem sua capacidade criativa. Essa transformação seria possível, na visão de Nietzsche, a partir do desaparecimento da noção cristã de Deus:

Acabando a ideia de Deus, acaba também o sentimento do ‘pecado’, da violação de preceitos divinos, da mácula numa criatura consagrada a Deus, [...] o aguilhão mais agudo do sentimento de culpa, é atenuado, quando percebemos que com nossos atos violamos a tradição humana, as leis e ordenações humanas, mas ainda não colocamos em perigo ‘a eterna salvação da alma’ e sua relação com a divindade (MAI/HHI §133).

Desaparecendo a noção de Deus como criador de todas as coisas, desapareceria também a concepção de homem como mera criatura. O homem poderia ser considerado, então, como criador de novos valores. Poderia, também, sentir-se redimido de qualquer culpa ou pecado, pois não estaria mais em dívida pela sua existência.

A tarefa de retirar do mundo o sentimento de culpa e a noção de pecado pressupõe a superação da crença na responsabilidade individual e na dívida do homem em relação a Deus. Se conseguisse assimilar a hipótese da necessidade incondicional de todas as ações, o homem

poderia reconhecer a ausência de culpa nas suas manifestações impulsionalis.

O sentimento de culpa é analisado, pelo filósofo alemão, como um sentimento primitivo manifesto desde as mais remotas relações comerciais. Em sua investigação genealógica, encontra vestígios da culpa nas primeiras transações entre os credores e seus respectivos devedores. Ao estabelecer um contrato, o homem sentiu-se responsável em cumprir o compromisso firmado e honrar sua dívida. Essa responsabilidade em cumprir a palavra empenhada sempre esteve associada à confiança conquistada pelos bons pagadores e às punições empregadas aos desonestos. Nesse conceito material de dívida, Nietzsche observa os primeiros traços da culpa moral. Convém observar que a noção de culpa deriva do termo em alemão *Schuld*. Na língua alemã, *Schuld* comporta duas acepções: culpa e dívida. Da necessidade de lembrar o valor da palavra empenhada e os castigos impostos àqueles que descumprissem uma promessa contratual, o filósofo viu brotar o sentimento de culpa. Para tornar os homens iguais, confiáveis socialmente, as regras morais e as leis penais prosperaram com aparatos repressores para vencer o esquecimento e fixar a responsabilidade individual na memória.

No processo de evolução desse sentimento, o homem viu-se em dívida com seus antepassados, com as comunidades originárias e, finalmente, em dívida com a divindade. O filósofo indica que “o advento do Deus cristão, o deus máximo até agora alcançado, trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de culpa” (GM/GM, II §20). Acreditando que a sua existência, a existência do mundo e de todas as coisas são obras da vontade de Deus, o homem vê-se em dívida com o seu criador. Distante da hipótese criacionista, Nietzsche observa que “só há pecado contra Deus” (NF/FP 10 [91], 1887) e que o sofrimento derivado do sentimento de dívida em relação à divindade foi produzido pela religião. Indica que antigamente a infelicidade e o sofrimento eram tidos como partes integrantes da vida humana. Somente com o cristianismo o sofrimento passou a ser associado a uma dor merecida, a um sentimento de culpa por transgressões que desagradam a Deus.

Com o cristianismo, o sofrimento e a culpa passam a ter uma justificativa religiosa: se o homem sofre é porque está sendo punido por algum pecado cometido. A culpa moral é direcionada para um âmbito metafísico. O filósofo chama a atenção para a dinâmica do trabalho sacerdotal nessa transformação. Em sua análise, o sacerdote ascético precisa manter o homem pecador para justificar sua importância no processo de redenção. Como um pastor que bem conduz as suas ovelhas, o sacerdote convence toda espécie de doente e malgrado de que a causa desse sofrimento é a culpa que o homem carrega por seus pecados: “apenas nas mãos do sacerdote, esse verdadeiro artista em sentimento de culpa, ele veio a tomar forma – e que forma! O ‘pecado’” (GM/GM, III §20). Nietzsche considera o pecado como uma terrível doença criada

pelo cristianismo. Com a transformação da culpa em pecado, o homem viu-se em sua condição mais enferma. Isso porque os impulsos humanos buscam instintivamente expansão. Ao se deparar com os instrumentos religiosos repressores, o organismo adocece. Um organismo reprimido é diretamente contrário a um organismo saudável, ou seja, a um organismo com impulsos em expansão de potência.

Antagônico ao procedimento religioso que transformou o sofrimento humano em pecado, Nietzsche apresenta a sua concepção sobre a inocência do homem. Aponta o mundo como um devir, uma grandeza de forças que sempre existiu, um mundo sem início e sem fim. Nesse mundo dinâmico repleto de forças, as ações humanas são consideradas tão necessárias quanto as demais ações da natureza: “tudo é necessário, cada movimento é matematicamente calculável. Assim também com as ações humanas” (MAI/HHI §106). O filósofo acena que o homem precisará se libertar de todo peso derivado de suas convicções religiosas e metafísicas para que possa assimilar a sua inocência. Vislumbra essa transformação como a efetiva redenção do homem: um homem sábio e inocente, capaz de destruir valores absolutos e criar valores que privilegiam a plenitude da vida terrena. Livre da culpa e do pecado, esse novo homem estaria envolto numa aura de inocência, tão leve e alegre como uma criança em meio à natureza (MAI/HHI §124).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento de Nietzsche sobre a inocência do homem permite interpretações intrigantes. Alimentados por teorias tradicionais a respeito da responsabilidade individual, podemos ser levados a sentimentos de culpa por ações avaliadas como imorais. Contraindo-se aos preceitos morais e religiosos, o filósofo alemão nos faz refletir sobre a possibilidade de nossas ações serem completamente necessárias e de não haver uma alma racional arbitrando sobre os nossos impulsos. Ao admitirmos a hipótese da vida destituída do peso da culpa e do pecado, seríamos mesmo acometidos por uma súbita leveza derivada da consciência de nossa inocência? Ou ainda seríamos atormentados pelo terror perante a ausência de um sentido metafísico para a nossa vida?

REFERÊNCIAS

- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. 2. ed. 6ª reimp. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE. *Assim falava Zaratustra*. 17. ed. Tradução: Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

NIETZSCHE. *Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE. *Ecce Homo: Como alguém se torna o que é*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

NIETZSCHE. *Fragmentos póstumos*. Volume I, II, III e IV (1869-1882). Edição espanhola dirigida por Diego Sánchez Meca. Tradução: Luis E. de Santiago Guervós, Manuel Barrios, Jaime Aspiunza, Diego Sánchez Meca, Jesús Conill, Juan Luis Vermal e Joan B. Llinares. Madrid: TECNOS, 2007-2010.

NIETZSCHE. *Genealogia da moral: Uma polêmica*. 1ª reimp. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NIETZSCHE. *Humano, demasiado humano: Um livro para espíritos livres*. 12ª reimp. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017. (Volume 1).

NIETZSCHE. *O Anticristo: maldição ao cristianismo*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.